



5448 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT13 - Educação Fundamental

ONDE FICAM AS INFÂNCIAS NA ALFABETIZAÇÃO? UMA QUESTÃO A SER PROBLEMATIZADA NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO ENTRE AS DUAS PRIMEIRAS ETAPAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Amanda de Sousa Pestana - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ONDE FICAM AS INFÂNCIAS NA ALFABETIZAÇÃO? UMA QUESTÃO A SER PROBLEMATIZADA NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO ENTRE AS DUAS PRIMEIRAS ETAPAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Resumo

Este trabalho se constitui como parte de uma pesquisa de mestrado em andamento. Compreendendo a articulação entre a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental como uma questão que ainda precisa ser discutida, a investigação visa contribuir para fortalecer novos paradigmas para a educação das crianças, a partir de uma pedagogia da infância que considere o público de 0 a 10 anos. A escuta sensível é um conceito central para a pesquisa que se desenvolve em duas escolas e se propõe a acompanhar a trajetória de crianças entre um segmento e outro, ouvindo suas expectativas e anseios para que pensemos uma pedagogia que contemple as infâncias em um processo contínuo em que se estabeleça uma relação de integração entre as duas etapas. Dada a natureza deste ser um pôster, compartilhamos alguns achados que a investigação até aqui nos possibilitou.

Palavras- chave: infância, transição, alfabetização, educação infantil

Introdução

A implementação do ensino fundamental de nove anos, por possibilitar o acesso à educação formal a um maior número de crianças, tem sido analisada pela ótica da ampliação do direito à educação e da preservação do direito das crianças pequenas, ainda com a ressalva do Ministério de Educação (MEC) de que tal medida favorece, principalmente, as camadas populares, pois as crianças de 6 anos da classe média e alta já estavam, em sua maioria, incluídas no sistema de ensino (BRASIL, 2009).

Nos planos do discurso e da legislação, esses têm sido os destaques. Contudo, no território da escola, onde as práticas acontecem, muitos continuam sendo os desafios. Nesse sentido, questiona-se cada vez mais se a antecipação da escolaridade tem provocado mudanças nas concepções teórico-práticas de alfabetização, há décadas discutidas, que, de fato, contribuam para inserir a criança “em um universo cultural complexo em que a escrita aparece como mediadora de valores e formas de conhecimento” (BRITO, 2012, p. 13).

O que nossas observações têm apontado, contudo, é para uma frustração em relação à expectativa de que a antecipação de matrícula poderia trazer para o ensino fundamental uma dinâmica educativa mais atrativa tanto para as crianças de 6 anos, quanto às necessidades das crianças de 7 a 10 anos. O que temos visto é uma rotina da escola de ensino fundamental pouco alterada em função desse público recém chegado.

Compreendendo a articulação entre a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental como uma questão que ainda precisa ser discutida, a investigação visa contribuir para a ampliação das reflexões sobre as singularidades da infância e as peculiaridades desta faixa etária. Investigar como as crianças de cinco a seis anos se veem no processo de transição entre um e outro segmento, é um dos objetivos centrais da pesquisa.

Do ponto de vista metodológico optamos por uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, tendo como ferramentas a observação participante, o caderno de campo e uma imersão no campo de pesquisa através da participação direta no cotidiano de duas escolas: uma de Educação Infantil e a outra de Ensino Fundamental. A *escuta sensível*, na perspectiva proposta por Barbier (2007), bem como a *compreensão ativa*, inspirada em Bakhtin (1992) são conceitos epistêmicos fundamentais para a pesquisa.

Transição entre educação infantil e ensino fundamental: uma questão que implica em várias outras questões

Neves, Gouvea e Castanheira (2011) em pesquisa realizada em uma escola de educação infantil e uma de ensino fundamental da rede municipal de Belo Horizonte, nos anos de 2008 e 2009, constataram que a brincadeira, centro das práticas na Educação Infantil passara a ser concebida em segundo plano quando as mesmas crianças chegaram ao 1º ano e que, ainda no primeiro mês de trabalho, se priorizava a repetição de atividades de treino psicomotor, demonstrando haver uma lacuna entre as propostas de trabalho dos dois segmentos: “ ao inserir-se no ensino fundamental, as crianças depararam-se com um hiato entre as experiências desenvolvidas na educação infantil e as práticas educativas da nova escola.” (p.138)

Estudando o processo da transição, Moss (2008) aponta algumas possibilidades de relação entre a educação infantil e o ensino fundamental.

A primeira relação citada pelo autor é a de caráter preparatório implícita em práticas alfabetizadoras adotadas na educação infantil objetivando preparar as crianças para a etapa seguinte. A segunda seria a relação de negação recíproca, em que não há articulação entre ambas, ocorrendo uma dicotomização entre as duas etapas. Uma terceira relação é chamada pelo autor de reversa, na qual são adotadas práticas pedagogicamente mais identificadas com a

educação infantil no ensino fundamental. A posição do autor é pela defesa de uma relação de integração entre as duas etapas.

Corroborando com a defesa de uma relação de integração entre as duas etapas, contudo, pensamos na possibilidade de um processo de continuidade entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental que reconheça as crianças como interlocutoras legítimas sobre seu processo de desenvolvimento.

Ampliando essa perspectiva, Faria (2011) defende uma pedagogia da infância que garanta um *continuum* entre a educação infantil, voltada para os pequenos de 0 a 6 anos, e a educação para as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, no sentido de contribuir para fortalecer novos paradigmas para a educação das crianças.

E as crianças, o que têm a dizer sobre isso? Que sentidos atribuem a essa passagem de suas vidas tão valorizadas pelos adultos?

Em busca de responder tais questões, a partir de uma *escuta sensível* nos esforçamos para ouvir as crianças sobre os sentidos atribuídos ao processo de transição, reconhecendo na sua palavra um valor social, cultural, político que produz conhecimento no mundo e sobre o mundo em que operam.

O medo em relação a nova escola foi um dos sentidos que algumas falas das crianças da educação infantil, com idades de 5 anos, que viviam a expectativa de irem para a escola do ensino fundamental no próximo ano, trouxe para nós.

Miguel desenha enquanto explica:

- *Tenho medo de ir pra escola nova porque não conheço ninguém. Vai que a tia me mata!*

Beatriz, esclarece:

- *Na escola nova só escreve, almoça e não dorme.*

Elrid, com ar de apavorada, complementa:

- *A tia vai ser braba e se errar o dever, vai colocar de castigo.*

Pedro e Lívia, assim como Ester, levantam como hipótese:

- *Eu acho que vai ter dever de casa.*

Errar o dever, ficar de castigo, fazer o dever de casa, nos medos e expectativas reveladas pelas crianças, possivelmente construídas a partir da convivência com seus pares, se evidenciavam um grau de conhecimento sobre normas e rituais ainda bastante frequentes em classes do ensino fundamental.

Um sentimento que refratava um aspecto da transição abordado por Motta (2011) em sua pesquisa "*De Crianças a Alunos: Transformações Sociais na Passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental*". Na observação entre os dois segmentos a autora observa que num espaço-tempo muito pequeno, a criança é provocada a viver o processo de transformação de criança a aluno. *Percebe-se uma sujeição dos corpos infantis à lógica das culturas escolares que conformam um tipo de subjetividade bem específica: a do aluno.* (p 124)

Na descrição das atividades que entende como características da nova etapa de escolaridade, as crianças deixam pistas que entendem estar sendo encerrado o período do "lúdico, das brincadeiras, das músicas, do parquinho, das rodas de conversa". Em seu devir de aluno na sala de aula, no ensino fundamental, terá que sentar em fileiras, uma atrás da outra, evitar a troca de olhares, as conversas, as gargalhadas, a interação entre os pares durante a aula.

Em sua pesquisa, Motta (2011) conclui que as crianças aprendem a ser alunos, sem perder, no entanto, suas características e cultura próprias.

Defendendo o reconhecimento das crianças como interlocutoras legítimas para a construção de um outro processo de transição que seja mais favorável ao desenvolvimento infantil, operando com a lógica de que é preciso pensar uma pedagogia que contemple as infâncias num processo contínuo, Kramer (2006) pondera:

Embora educação infantil e ensino fundamental sejam frequentemente separados, do ponto de vista da criança não há fragmentação. Os adultos e as instituições é que muitas vezes opõem educação infantil e ensino fundamental, deixando de fora o que seria capaz de articulá-los: a experiência com a cultura. (p.81)

A autora nos ajuda a pensar que um projeto educativo que possa acolher a infância em sua diversidade e alteridade, é uma questão fundamental para a construção de uma pedagogia da infância, que atenda as crianças de 0 a 10 anos e se comprometa em romper com a separação entre educação infantil e ensino fundamental

Alguns apontamentos finais

Malaguzzi (1999), fazendo uma crítica à escola de Educação Infantil de caráter preparatório, compara-a a um funil, dizendo que este é um objeto detestável, uma vez que estreita o que é grande, tornando-o pequeno. O adeus ao parquinho, às rodas de conversas, às brincadeiras, que tantas vezes simboliza para as crianças a passagem da educação infantil para o ensino fundamental, parece exigir delas, sim, que entrem num funil que as disciplinem, as contenham.

Dialogando com o educador italiano, esperamos com nossa pesquisa, ouvindo as crianças, contribuir para a construção de outras imagens para representar a entrada da criança para o ensino fundamental. Que não sejam funis, nem peneiras, gaiolas ou qualquer outro objeto que represente estreitamento ou cerceamento. Que a transição signifique para as crianças portas e janelas sempre abertas para novas possibilidades.

Referências Bibliográficas

BARBIER, René. A escuta sensível em educação. Revista da Anped, Caxambu, 1992. Beauchamp, S. D. Pagel, A. R. do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BRASIL, Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação.

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf 2009. Acesso em 16/01/2019.

BRITO, Luiz Percival Lima. Letramento e Alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FARIA, Ana Lucia Gomes, MELLO, Sueli Amaral (orgs) O mundo da escrita no universo da pequena infância. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

FARIA, Ana Lucia Goulart de. Apresentação. In: VÁRIOS AUTORES, *Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e fundamental. In: Educação e Sociedade. Campinas. Vol. 27 - Especial. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

KRAMER, S.; LEITE, I. Infância : fios e desafios da pesquisa. Campinas: Papirus, 1996

MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofias básicas. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança; a. abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre; Artmed, 1999. P. 59-104.

MOTTA, F. M. N. De Crianças a Alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 157-173, jan./abr. 2011.

NEVES, V. F. A.; GOUVÊA, M. C. S.; CASTANHEIRA, M. L. A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas. Educação e Pesquisa, vol.37, n.1, p. 121-140, jan./abr. 2011.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, JÚLIA E LINO, DALILA MARIA BRITO DA CUNHA Os papéis das educadoras: as perspectivas das crianças. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 9-29, set 2008/fev. 2009.